

1

VIVIAN



— Não posso acreditar que ele está aqui, pois nunca vem a estes eventos, exceto se for algum amigo...

— Viste que ele subiu um lugar na lista de multimilionários da *Forbes* e ficou acima do Arno Reinhart? Pobre Arnie, quando descobriu, ia tendo um colapso nervoso no meio da Jean-Georges...

Os murmúrios espalharam-se mais ou menos a meio da gala anual de angariação de fundos da Fundação Frederick Wildlife, em prol dos animais em vias de extinção.

Este ano, a estrela da noite era a pequena tordeira-do-mar, uma ave canora cor de areia, mas nenhum dos duzentos convidados da gala discutia o bem-estar da espécie enquanto bebiam *Veuve Clicquot* e comiam *cannoli* de caviar.

— Ouvi dizer que a *villa* da família no lago Como está a passar por uma renovação de *cem milhões* de dólares. A casa tem séculos, por isso acho que já devia precisar...

Cada sussurro ia ganhando intensidade, acompanhado por olhares furtivos e um ou outro suspiro sonhador.

Não me virei para ver quem deixava os membros da alta sociedade de Manhattan, normalmente frios como gelo, tão perturbados. Na verdade, estava-me nas tintas. Mantinha-me demasiado concentrada na herdeira de uma cadeia de lojas enquanto esta caminhava com passo incerto em direção à mesa das ofertas, montada nos seus

sapatos de saltos vertiginosos. Olhou em redor antes de pegar num dos sacos personalizados e o enfiar na carteira.

Assim que se afastou, falei para o comunicador que tinha no ouvido.

— Shanon, Código Rosa na mesa de ofertas. Descobre de quem era o saco que ela levou e substitui-o.

Cada saco excedia os oito mil dólares em presentes, mas era mais fácil incluir o custo da substituição no orçamento do evento do que confrontar a herdeira da Denman.

A minha assistente resmungou do outro lado da linha.

— A Tilly Denman, *outra vez*? Ela não tem dinheiro suficiente para comprar tudo o que está em cima da mesa e ainda ficar com milhões de sobra?

— Sim, mas, para ela, isto não tem nada que ver com dinheiro. O que a incentiva é a adrenalina — disse. — Vai lá. Amanhã vou buscar pudim de pão à Magnolia Bakery para te compensar. E, por amor de Deus, descobre onde se meteu a Penelope. Ela devia estar a vigiar a mesa dos presentes.

— Ah-ah — respondeu a Shannon, entendendo o meu sarcasmo. — Está bem, pronto. Eu trato do saco e da Penelope, mas fico à espera de uma caixa das *grandes* de pudim de pão.

Soltei uma gargalhada e abanei a cabeça quando a ligação terminou.

Enquanto ela tratava da substituição, dei uma volta pela sala para ver se não surgia outra situação delicada, pequena ou grande.

Quando comecei a trabalhar neste ramo, sentia-me um pouco constrangida por organizar eventos para os quais seria convidada se não fizesse parte da equipa. Mas com os anos habituei-me, e o dinheiro ganho permitia-me uma certa independência financeira dos meus pais.

O meu ordenado não fazia parte do fundo fiduciário nem da minha herança. Era dinheiro que ganhava, com honestidade e mérito, a organizar eventos de luxo em Manhattan.

Adorava o desafio de criar de raiz eventos maravilhosos, e as pessoas ricas adoravam-nos. Todos ganhávamos.

Quando a noite ia avançada, estava a verificar o som para o discurso final quando a Shannon veio ter comigo apressada.

— Vivian! Não me disseste que ele ia estar aqui! — sibilou.

— Ele quem?

— O *Dante Russo*.

Todos os pensamentos de sacos de presentes e listas de verificação se ausentaram da minha cabeça.

Olhei para a Shannon, vi os seus olhos brilhantes e o rosto corado.

— O Dante Russo? — O meu coração bateu descompassado, aparentemente sem qualquer motivo. — Mas ele não respondeu ao convite, não disse que vinha.

— Pois, mas essas regras não se aplicam quando falamos dele, pois não? — Ela quase vibrava com a excitação. — Não acredito que ele veio. As pessoas vão andar *semanas* a falar disto.

De súbito, os murmúrios iniciais faziam sentido.

Dante Russo, o enigmático CEO do consórcio de bens de luxo Grupo Russo, raramente comparecia a eventos públicos que não fossem organizados por si, por amigos mais próximos ou algum parceiro de negócios importante. A Fundação Frederick Wildlife não encaixava em nenhuma dessas categorias.

Ele era também um dos homens mais ricos, e por conseguinte mais observados, de Nova Iorque.

Shannon tinha razão. As pessoas iam falar da presença dele durante semanas, senão meses.

— Ótimo — respondi, tentando controlar o bater acelerado do coração. — Talvez chame a atenção para o problema da tordeira-do-mar.

Ela revirou os olhos.

— Vivian, ninguém quer saber do pássaro... — Parou, olhou em redor e baixou a voz. — O que quero dizer é que ninguém está *realmente* preocupado com a tordeira-do-mar. Enfim, tenho pena que esteja em vias de extinção, mas sejamos honestas. Esta gente só está aqui para ficar bem na fotografia.

Mais uma vez, ela tinha razão. Ainda assim, não importava o motivo que as trouxera ali, contribuíam para uma boa causa, e aquele tipo de eventos alimentava a minha empresa.

— O verdadeiro assunto da noite — disse Shannon — é quão bonito está o Dante. Nunca vi um homem ao qual assentasse tão bem um *smoking*.

— Shan, tu tens namorado.

— E então? Não posso apreciar a beleza das outras pessoas?

— Bem, poder, podes, mas já *apreciaste* o suficiente. Estamos aqui para trabalhar, não para comer os convidados com os olhos. — Empurrei-a suavemente para a mesa das sobremesas. — Podes trazer mais tartes vianesas? Já temos poucas.

— Desmancha-prazeres — resmungou, mas fez o que lhe pedi.

Tentei concentrar-me de novo na verificação do som, mas não resisti e olhei para a sala à procura do convidado-surpresa daquela noite. O meu olhar passou pelo DJ e pela exposição a 3D da tordeira-do-mar, caindo sobre a multidão que se aglomerava à entrada.

Havia ali tanta gente que não conseguia ver para lá das filas exteriores, mas era capaz de apostar todo o dinheiro que tinha no banco em como o Dante estava no centro das atenções.

As minhas suspeitas confirmaram-se quando a multidão se mexeu ligeiramente para revelar um vislumbre de cabelo escuro e ombros largos.

Uma corrente elétrica percorreu-me a espinha.

Eu e o Dante pertencíamos a círculos sociais tangentes, mas nunca nos conhecêramos oficialmente. Pelo que ouvia acerca da sua reputação, não me importava nada de manter as coisas nestes termos.

No entanto, tinha uma presença magnética, e sentia a sua força até no outro lado da sala.

Um tremor insistente junto à anca afastou os arrepios que me cobriam a pele e desviaram a minha atenção do grupo de fãs do Dante. Quando peguei no telemóvel e vi quem me estava a ligar, senti um aperto no estômago.

Não devia receber chamadas a meio de um evento, mas simplesmente não se ignorava um telefonema de Francis Lau.

Voltei a verificar que não existiam emergências imediatas antes de me dirigir para a casa de banho mais próxima.

— Olá, pai. — Depois de vinte anos de prática, este cumprimento formal saía-me sem esforço.

Chamava-lhe «papá», mas depois de a Joias Lau ter sucesso e nos mudarmos do apartamento acanhado com dois quartos para uma mansão em Beacon Hill, ele insistiu que o tratasse por pai. Era um termo mais «sofisticado» e «socialmente elevado».

— Onde estás? — troou a sua voz através da linha. — Por que razão há tanto eco?

— A trabalhar. Vim para uma casa de banho a fim de atender a tua chamada. — Encostei a anca ao lavatório e senti-me impelida a acrescentar: — É um evento de angariação de fundos para a conservação da tordeira-do-mar, que está em vias de extinção.

Sorri ao ouvir o seu suspiro profundo. O meu pai criticava as causas obscuras que as pessoas usavam como desculpas para darem festas, apesar de também comparecer em muitos eventos. Era o mais correto para um homem como ele.

— Todos os dias descubro um novo animal que está em vias de extinção — resmungou. — A tua mãe faz parte de uma comissão para salvar um peixe qualquer, como se não comêssemos peixe todas as semanas.

A minha mãe, antes esteticista, era agora uma *socialite* profissional e membro de comissões de solidariedade.

— Bem, dado que estás a trabalhar, vou ser breve — disse o meu pai. — Gostávamos que viesses jantar connosco na sexta-feira à noite. Temos notícias importantes para partilhar.

Não obstante a formulação da frase, isto não era um pedido.

O meu sorriso desvaneceu-se.

— *Esta sexta-feira?* — Era terça-feira e residia em Nova Iorque, enquanto os meus pais viviam em Boston.

Mesmo considerando os seus padrões, era uma intimação de última hora.

— Sim. — O meu pai nada mais adiantou. — O jantar é às sete em ponto. Não te atrases.

E desligou.

O telemóvel permaneceu colado à minha orelha durante um instante mais até que o afastei. Escorregou-me pela palma da mão transpirada e quase me caía ao chão antes de o guardar na bolsa.

Era engraçado como uma frase me podia fazer cair numa espiral de ansiedade.

Temos notícias importantes para partilhar.

Teria acontecido alguma coisa com a empresa? Estaria alguém doente ou a morrer? Iriam os meus pais vender a casa e mudar-se para Nova Iorque, como já tinham ameaçado?

A minha mente correu veloz por entre mil dúvidas e possibilidades.

Não tinha resposta, mas uma coisa sabia com toda a certeza: uma convocatória urgente para a mansão Lau nada trazia de bom.